

A eloquência das imagens

todas as imagens: Rogério Ferrari

O trabalho jornalístico do fotógrafo Rogério Ferrari é como um manifesto pró-palestino, com cenas heróicas e de dor flagradas nos territórios ocupados por Israel

Tânia Caliari

Em 2002 o jornalista Rogério Ferrari saiu de Salvador e foi à Cisjordânia e à Faixa de Gaza para uma série de trabalhos *free-lancers* sobre a segunda Intifada, a revolta popular promovida pelos palestinos contra a ocupação israelense. Até então, não tinha maior envolvimento com o assunto ou com a comunidade palestina. Foi sua militância política na esquerda e junto a movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), que lhe permitiu ter uma visão mais crítica do noticiário e o impeliu a se informar fora da grande imprensa. “Juntei a informação alternativa que tinha, a militância e a idéia de fazer algo. A fotografia foi a ponte para me posicionar, para me levar até lá”, disse Ferrari a REPORTAGEM. Ferrari viveu durante três meses o dia-a-dia das cidades e campos de refugiados, dos enfrentamentos, das casas e da convivência próxima dos palestinos. Resultou dessa imersão o livro *Palestina - A Eloquência do Sangue*, um testemunho daqueles dias que reúne fotos, depoimentos e poemas em edição bilingüe – português e árabe – finamente acabada.

Chegar ao livro, no entanto, significou uma batalha à parte. O material

era bom, avaliaram algumas editoras, mas muito comprometido politicamente, não mostrava o “outro lado” – o israelense. Depois de respostas como essa, Ferrari decidiu partir para uma produção independente. Aliás, foi assim desde o começo. Para chegar à Palestina, ele teve sua passagem financiada por amigos de uma agência de comunicação, que não se interessaram pelo material, também por motivos políticos.

Quase um manifesto Para a publicação, o projeto recebeu um pequeno apoio de alguns sindicatos. Mas foram, por fim, duas empresárias baianas que financiaram metade dos custos da edição. A outra metade, o jornalista busca nas vendas do livro, que está promovendo em lançamentos itinerantes, acompanhados de exposição das fotos.

É esse forte material jornalístico, fruto de minuciosa documentação de cenas heróicas e de dor, que dá forma a uma espécie de manifesto. Ao edi-

tar suas fotos, todas em preto e branco, com curtos e doloridos depoimentos do povo e versos do poeta nacional palestino Mahmud Darwish, grande expressão literária do profundo sentimento de perda que permeia a sociedade palestina desde a *Nakba* – a *tragédia* que foi a expulsão de suas casas pelos soldados israelenses em 1948 –, Ferrari não evitou o discurso de vitimização dos palestinos. “Não escapei desse discurso, porque de fato eles são vítimas. Mas também não quis fazê-los de coitados”, diz, chamando a atenção para o depoimento que aparece sob a primeira foto do livro – pai e mãe ladeados de dois fi-

lhos, e que seguiram retratos de outros filhos que morreram na Intifada: “Nós estamos sofrendo aqui. Mas não

nos sentimos pobres pelo nosso sentimento”.

O livro apresenta as fotografias – retratos posados e flagrantes – em seqüências quase temáticas: membros de famílias e grupos de mulheres que encarnam o sofrimento coletivo diante da câmara; uma série de funerais de



PALESTINA

A Eloquência do sangue

Rogério Ferrari

São Paulo, Ed. do autor, 2005

168 pp. R\$ 35,00

jovens que tombaram em combate; uma seqüência de imagens de manifestações e confrontos; fotos dos instrumentos da repressão e do confinamento nos territórios, como cercas, arames, tanques e armas; fotos de grafites e pichações nos muros esburacados conclamando à batalha. Há ainda crianças desoladas em meio a restos de uma casa destruída, e meninos que posam com a bola no pé num cenário de guerra. Os israelenses, todos soldados, aparecem aqui e ali, armados, sérios, vigilantes, intimidadores.

“De fato é uma coisa delicada o risco de você ser apelativo, ou apresentar uma ‘espetacularização da guerra’. Mas não dá para se ter uma postura imparcial, com eu vi em muito colega de imprensa lá. Eu quis passar a idéia de tragédia, para que as pessoas percebam a dimensão dessa tragédia”, diz Ferrari.

Logo na abertura da obra, um poema de Darwish diz: “Não precisamos de retóricas diante da eloqüência do sangue. Nossas palavras são simples como simples é o nosso direito: nós nascemos nessa terra e para essa terra”. Ferrari usou da eloqüência da imagem para respaldar e propagar esse direito. O fotógrafo registrou a clássica imagem dos meninos enfrentando tanques com as pedras e com a funda, ícone da primeira Intifada (1987-1991),

O livro apresenta as fotografias em seqüências quase temáticas, como a dos meninos que posam com a bola no pé num cenário de guerra



“É uma coisa delicada o risco de você ser apelativo, ou apresentar uma ‘espetacularização da guerra’. Eu quis passar a idéia de tragédia, para que as pessoas percebam a dimensão dessa tragédia”, diz Ferrari

mas também os combatentes civis armados de fuzis, expressão dessa segunda revolta (2002-2004).

Infelizmente, o trabalho não traz informações importantes sobre as imagens que poderiam, por seu detalhamento, servir de contraponto à cobertura da grande mídia. A presença de combatentes armados do lado palestino nesta Intifada foi exaustivamente explorada para relativizar a legitimidade da resistência e a desigualdade do poder de fogo dos militantes contra o sexto maior Exército do mundo. “Esses grupos, de meninos e de homens armados agiam em situações diferentes”, explica Ferrari. “Os ataques israelenses eram diários, e no dia-a-dia o confronto era com os meninos. As milícias armadas só entravam em ação quando os soldados entravam de fato nas cidades, nos campos. E era gente muito mal armada e preparada – vi um senhor de 75 anos correr para a rua com um velho fuzil”, diz.

Vida dura Ferrari passou a maior parte de seu tempo em campos de refugiados da Faixa de Gaza, sobretudo no maior e mais populoso deles, Jabaliya. Em Gaza, território menor do que a Cisjordânia e com população refugiada proporcionalmente maior, a vida é mais dura, a revolta é maior, os ataques israelenses são mais freqüentes, e, diz ele, a tradicional boa acolhida árabe é mais intensa.

Foi na Faixa de Gaza que Ferrari obteve o grande trunfo jornalístico do livro: a entrevista com o fundador e então chefe do braço político do Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), Ahmed Yassin, o xeque tetraplégico que foi assassinado por um míssil israelense em sua cadeira de rodas em 2004.

O jornalista diz ter ficado impressionado com a simplicidade de pensamento e de modos de Yassin. “Ele não vivia num bunker. Sua casa era na periferia de Gaza onde havia crianças brincando na rua”.

“O Hamas não está disposto a negociar com Israel?”, pergunta o repórter ao líder. “Negociar para quê? Você toma minha casa e eu te digo: vem, vamos negociar. Não, tem que devolver a casa e depois dizer: vamos negociar, vamos ver como fazemos para viver juntos. Assim não há problema. Mas tirar os meus direitos e chama para negociar não é racional”, responde o xeque de forma cristalina. “Essa é uma luta religiosa ou nacionalista?”, quis saber Ferrari. “Esta é uma luta de libertação, de dignidade. De direitos do homem. Não de religião. Queremos viver tal qual como outros povos vivem. Nada mais”, diz Yassin, com a eloqüência da simplicidade. ■

O livro pode ser encontrado na Livraria da Vila, São Paulo [T (11) 3814 5811] ou por email: aeloquenciadosangue@yahoo.com.br

Tânia Calieri é jornalista. Esteve na Palestina entre março e junho de 1999. É autora de “Palestinos: a vida sob ocupação de Israel” publicado em REPOR-TAGEM, n.9, abr. 2000 (pp. 7-26).